

APRESENTAÇÃO

Modernismos revisitados II (1922–2022)

Como Douglas Mao relembra na sua recente coleção sobre novas perspectivas e direções nos estudos sobre o modernismo, *The New Modernist Studies* (Cambridge UP, 2021), até há pouco tempo, os investigadores desta área viam o movimento cultural e estético em questão como um fenômeno predominantemente europeu. Nas últimas décadas, este pressuposto tem vindo a ser questionado, tendo vários críticos afirmado que nem o modernismo, nem a própria modernidade tiveram lugar exclusivamente na Europa e na América do Norte. Deste modo, os estudiosos do modernismo falam hoje em dia num modernismo “planetário” ou “global”, atendendo assim ao fato de que outras partes do mundo, apesar de não terem estado diretamente envolvidas na I Guerra, ainda assim passaram por e tiveram de responder a fenômenos de transformação social, como o rápido processo de industrialização e urbanização, a contestação operária e a expansão da cultura de massas, eventos que impactaram a forma como intelectuais e artistas pensam e representam o real.

O presente volume pretende assim contribuir para a expansão dos estudos sobre o modernismo a um panorama extra-europeu. Em 2013, os *Cadernos* publicaram uma edição intitulada *Modernismos Revisitados: 1912–2012* com este fim, por ocasião do centenário das revistas *Poetry* e *Georgian Poetry*. Este ano, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa decidiu novamente evidenciar uma outra data importante do modernismo: o centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, consensualmente celebrada como um dos grandes acontecimentos da arte e da literatura brasileiras e considerada o marco fundador desse movimento no Brasil. No entanto, não se deve ignorar que o modernismo, enquanto força renovadora das artes no primeiro vintémio do século passado, possui, no Brasil e no mundo, características que antecedem a Semana e atravessam-na, passando em seguida por novas transformações. Assim, persiste ainda a necessidade de refletir sobre a *Semana* à luz de sua relação, por exemplo, com as vanguardas europeias, ou ainda com outros acontecimentos definidores do modernismo, que decorreram à volta de 1922.

Afinal, celebra-se também em 2022 o centenário do *annus mirabilis* da literatura modernista anglo-americana, assim denominado por reunir a publicação de três das mais importantes obras de língua inglesa do último século: *The Waste Land*, de T.S. Eliot; *Jacob's Room*, de Virginia Woolf; e *Ulysses*, de James Joyce, este último publicado no mesmo mês em que decorria a Semana de Arte Moderna. Em 1924, em França, Yvan Goll e André Breton publicam, cada um, o seu próprio *Manifeste du Surréalisme*, alguns meses após Oswald de Andrade lançar, no Rio de Janeiro, o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. Em suma, enquanto movimento mundial, há ainda um

vasto campo do modernismo a ser explorado, que muito pode se beneficiar de uma perspetiva comparatista.

Em linha com vários números anteriores dos *Cadernos*, e de forma a abarcar um vasto leque de objetos que tendem a criar entre si surpreendentes sinergias, o comparatismo por nós adotado é não só intercultural mas também intermedial. Deste modo, o leitor poderá encontrar neste número artigos que, por exemplo, colocam lado a lado autores de línguas e culturas diferentes, exploram o papel da música e do teatro na literatura e analisam a influência do modernismo nas artes cinematográficas.

É bom lembrar, acima de tudo, que o modernismo não é um movimento encerrado no passado (supostamente terá chegado ao fim na viragem para a segunda metade do século XX), mas um discurso que continua a condicionar e a influenciar a cultura e a estética do presente. Isto é algo que José Miguel Wisnik deixa bem claro no ensaio central deste número, sobre a Semana de 22, cujo eco é bem audível no Brasil contemporâneo: “Oswald de Andrade distingua a alta e a baixa antropofagia. A alta antropofagia reside basicamente na capacidade de ser outro ao reconhecer o outro em si (...). Já a baixa antropofagia ele resumiu, no “Manifesto antropófago”, em quatro palavras: inveja, usura, calúnia e assassinato. Não é difícil reconhecer essas forças nefastas no panorama atual, na forma da cultura do ressentimento (inveja), do liberalismo oportunista (usura), das fake news (calúnia) e da necropolítica ostensiva (assassinato)”. De certo modo, então, as tensões a que o modernismo veio chamar à atenção, assim como as possibilidades criativas, políticas e éticas a que abriu caminho, não deixaram de ser relevantes nas décadas seguintes, até aos dias de hoje. As preocupações modernistas continuam, assim, na ordem do dia, e por isso Wisnik termina o seu ensaio alertando, com tom de urgência, para a encruzilhada em que o Brasil em particular, e o mundo moderno no geral, se encontram hoje: “Em 2022, o Brasil está espremido entre a alta e a baixa antropofagia. Eis a questão”. Esperamos que este número dos *Cadernos*, com a atenção que é dedicada às arrojadas experiências e inovações modernistas, possa servir para aclarar outras rotas e rumos que sirvam de alternativa ao nosso tempo de impasse.

Joana Matos Frias
João Paulo Guimarães
Daniel Floquet
Ivana Schneider